



UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

CALINY MUNIZ DE LIMA SILVA

ENTRE OBSTINAÇÃO E SUBALTERNIDADE:
Uma leitura do feminino nas 'Letras Escarlates' de Nathaniel Hawthorne
e Roland Joffé

GUARABIRA – PB

2016

CALINY MUNIZ DE LIMA SILVA

ENTRE OBSTINAÇÃO E SUBALTERNIDADE:

Uma leitura do feminino nas 'Letras Escarlates' de Nathaniel Hawthorne
e Roland Joffé

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa, sob orientação do Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes.

GUARABIRA – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Caliny Muniz de Lima
Entre obstinação e subalternidade: [manuscrito] : uma leitura do feminino nas 'Letras Escarlates' de Nathaniel Hawthorne e Roland Joffé / Caliny Muniz de Lima Silva. - 2016.
34 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Auricélio Soares Fernandes, Departamento de
Letras".

1. Obstinação. 2. Subalternidade. 3. A Letra Escarlate. 4.
Romance. I. Título.


21. ed. CDD 400

CALINY MUNIZ DE LIMA SILVA

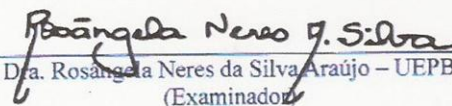
**ENTRE OBSTINAÇÃO E SUBALTERNIDADE: UMA LEITURA DO
FEMININO NAS 'LETRAS ESCARLATES' DE NATHANIEL HAWTHORNE
E ROLAND JOFFÉ**

FOLHA DE APROVAÇÃO


APROVADO EM: 18 / 05 / 2016



Ms. Auricélio Soares Fernandes - UEPB-UEPB
(Orientador)



Dra. Rosângela Neres da Silva Araújo - UEPB
(Examinador)



Dr. Anacã R. M. C. C. Agra - UEPB
(Examinador)

Guarabira
18/05/2016

Ao meu pai, Antônio Alves de Lima (*In memoriam*), pelo desejo de me ver num curso superior. Esse trabalho será em prova do meu amor e de minha eterna saudade.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grata a Deus pela força em meio às dificuldades, pela sabedoria, superação, pela coragem e por ter me feito perseverar dia após dia, agradeço em especial por esta conquista e por me proporcionar um mundo de possibilidades.

Agradeço a essa Instituição de Ensino, seu corpo docente, pela oportunidade de abrir-me a porta e iniciar a minha vida profissional. Ao meu orientador Auricélio Soares Fernandes pela dedicação, pelo suporte e incentivo e por ser um educador admirável e comprometido.

O meu agradecimento especial é voltado à minha mãe Santana Muniz, a qual amo incondicionalmente. Agradeço pela contribuição moral e financeira, por não medir esforços para me ajudar, por ser minha fonte de inspiração, e a pessoa que mais amo e sou grata.

Agradeço também ao meu esposo Felipe Eduardo, a minha irmã Cleide Muniz, aos meus sobrinhos João Victor e Lucas Alves e à minha tia Arlucia Muniz (Dé).

Aqui retribuo o meu carinho e agradecimento a minha avó Inês Muniz (*In memoriam*) e a minha tia Rita Ferreira, pela fé e devoção, por rezar o terço diário em intenção de minha jornada acadêmica. Sou grata pelo refúgio que encontro em minha família e por saber que mesmo seguindo outros rumos, a minha raiz continuará sendo a mesma.

Agradeço ainda a minha turma 2011.2, as amigas Jamile Alves, Tarciana Karla, Leiliane Melo, Miqueilha Barbosa, Morgana Nathana e Geiziane Rodrigues, obrigada pela amizade, pelo convívio e aprendizagem durante esses quatro anos.

Por fim, agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para essa conquista, ao meu amigo e parceiro de academia Gilliam Cândido, que tanto me incentivou e me fortaleceu, o qual reporto todo o meu respeito e admiração.

RESUMO

Esse trabalho analisa a obstinação e a subalternidade através da representação da personagem feminina no romance *A Letra Escarlata* de Nathaniel Hawthorne (2010) e em uma de suas adaptações fílmicas, especificamente a de Roland Joffé (1995). Através da perspectiva dos estudos comparados, analisaremos a força de Hester Prynne como marca representativa para a denominação de primeira heroína americana, bem como as divergências e convergências entre romance e filme. Com *A Letra Escarlata*, Hawthorne criava uma história fictícia que até hoje tem permeado a mente dos americanos como uma luta entre o indivíduo e a sociedade, entre o amor, a hipocrisia e a lealdade. Muitos acreditam que Hawthorne criou um tipo de paradoxo em forma de narrativa, dramatizando as reivindicações do indivíduo para com a sociedade e as imposições da mesma para com o indivíduo, tornando a obra (ou *romance* na definição de Hawthorne) um clássico da literatura mundial, presente na cultura de massa nos mais distintos tipos de alusões, referências e releituras. Para o corrente estudo, utilizamos como aportes teóricos, estudos de Kathryn VanSpanckeren (1994), Bourdieu (2002), Spivak (2010), Antonio Candido (2011), Stam (2006), Lawrence (2012), Cunha (2007) e outros.

Palavras-chaves: Obstinação; Subalternidade; *A Letra Escarlata*; Romance; Adaptação Fílmica.

ABSTRACT

This work analyze the obstinacy and subordination through the representation of the female character in the novel *The Scarlet Letter* by Nathaniel Hawthorne (2010) and in one of its filmic adaptations, specifically the one of Roland Joffé (1995). Through the perspective of comparative studies, we analyze the strength of Hester Prynne as a representative mark for the name of the first American heroine, as well as the differences and similarities between novel and film. With *The Scarlet Letter*, Hawthorne created a fictional story that until today has permeated the mind of American people as a struggle between the individual and society, between love, hypocrisy and loyalty. Many believe that Hawthorne has created a kind of paradox in narrative form, dramatizing the individual's claim on the society and the impositions of the same to the individual, making the novel (or *romance* in Hawthorne's definition) becoming a classic of world literature, present in mass culture in the most different kinds of allusions, references and readings. For the current study, we used as theoretical framework. studies by Kathryn VanSpanckeren (1994), Bourdieu (2002), Spivak (2010), Antonio Candido (2011), Stam (2006), Lawrence (2012), Cunha (2007) and others.

Keywords: Obstinacy; Subalternity; *The Scarlet Letter*; Romance; Filmic adaptation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: A sensualidade de Hester	25
Imagem 2: As vestimentas rendadas de Hester	25
Imagem 3: Obstinação de Hester ao enfrentar os Magistrados.....	26
Imagem 4: Hester no cadafalso é obrigada a usar a letra “A” como marca do adultério.....	27
Imagem 5: Hester é salva da forca quando seria morta por suspeita de bruxaria.....	28
Imagem 6: Após a prisão de Hester, Dimmesdale decide entregar-se ao Governador Bellingham e ela se opõe	29
Imagem 7: Marca escarlate no corpo de Pearl	29
Imagem 8: Pássaro vermelho que conduz Hester ao primeiro encontro com Dimmesdale.....	30
Figura 9: Hester é surpreendida por Brewster	31
Figura 10: Final Feliz (Hester, Dimmesdale e Pearl).....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ROMANTISMO OBSCURO DE NATHANIEL HAWTHORNE.....	10
3 O FEMININO NA <i>LETRA ESCARLATE</i>.....	11
4 A <i>LETRA ESCARLATE</i> NO CINEMA – DISCUTINDO A ADAPTAÇÃO HOLLYWOODIANA DE JOFFÉ (1995)	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é analisar a subalternidade e a obstinação da personagem feminina Hester Prynne, no romance *A Letra Escarlata* de Nathaniel Hawthorne (2010), bem como discutir as convergências e divergências estéticas da obra, na adaptação fílmica homônima de Roland Joffé (1995).

O fundamento em analisar o romance e a produção cinematográfica *corpus* do nosso trabalho, deu-se através da perspectiva da comparação. Apesar de ambas as obras apresentarem elementos estéticos semelhantes, a exemplo dos títulos homônimos, as mesmas divergem em muitos aspectos, o que não caracteriza uma suposta superioridade de uma obra com relação à outra. Assim, verificaremos ainda que algumas alterações fundamentais estão no fato de que, na literatura, a narrativa é construída através das palavras, dos signos verbais; e no cinema a narrativa fica a cargo das imagens em movimento (CUNHA, 2007. p. 27).

Para tanto, discutiremos no primeiro tópico o Romantismo obscuro de Nathaniel Hawthorne e as características principais do autor, sintetizando suas ideias e intenções em escrever a narrativa, num período em que o puritanismo era dominante.

No segundo tópico, analisaremos o feminino na *Letra Escarlata*, do mesmo modo que faremos uma reflexão crítica sobre a moral e os costumes da comunidade puritana no século XVII, observando quais os temas abordados, principalmente os conflitos das personagens.

No terceiro e último tópico, nos deteremos em analisar as divergências e convergências entre o romance de Hawthorne e o filme de Joffé (1995), percebendo que elementos de uma obra escrita, criados através da linguagem verbal, podem divergir quando a história é transportada para o cinema. Para embasamento teórico, utilizaremos obras de Kathryn Vanspanckeren (1994), Bourdieu (2002), Spivak (2010), Antonio Candido (2011), Lawrence (2012) dentre outros.

Portanto, através da perspectiva comparada, será possível observar que uma obra, mesmo servindo de base para outra, ainda que haja modificações, jamais perderá o seu sentido primário.

2 O ROMANTISMO OBSCURO DE NATHANIEL HAWTHORNE

Em meados da década de 1820, o chamado Movimento Romântico, ou Romantismo, chega aos Estados Unidos com o intuito de destacar a relevância da arte e da autoexpressão para a sociedade e o homem. Caracterizando os valores éticos e estéticos, o Romantismo, em suma, pode ser caracterizado pela valorização da mente e o espírito do indivíduo em seu *self*, um maior reconhecimento das emoções e paixões do artista, bem como a igualdade e a liberdade de criação. O Romantismo foi palco dos grandes poetas e ensaístas americanos, pois o espírito romântico parecia pertinente à democracia americana.

Nathaniel Hawthorne é aclamado como um dos maiores escritores da literatura americana mais obscura, o que posteriormente convencionou-se em chamar de *Dark Romanticism*¹, em sua obra, fez inúmeras referências à História Colonial da América. Visionário da Nova Inglaterra, nasceu em 1804 na cidade de Salem, Massachusetts e pertenceu a uma família de antepassados puritanos, os quais foram os primeiros colonizadores da América. Esse fato torna-se de grande relevância ao considerarmos os temas literários de Hawthorne, que, quase em sua totalidade, refletem acerca do mau, do pecado, da corrupção da alma, do impuro e do lado hipócrita dos seus personagens, quase sempre religiosos puritanos. Hawthorne perdeu o pai aos quatro anos de idade, que morreu de febre amarela quando era capitão da marinha. Após tal fato, sua mãe privou-se da vida social. Posteriormente, já adulto, no período de 1821 e 1825, estudou no Bowdoin College, transformando-se num escritor de romances e contos. Seu bisavô, John Hathorne, atuou como juiz no tribunal das bruxas de Salem em 1692.

Na década de 1830, através da literatura de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, surge o Movimento Transcendentalista, outra ramificação do romantismo americano, que privilegiava a natureza e ia contra as formalidades religiosas, podendo ser encarado também como uma reação ao racionalismo, assim como uma filosofia liberal. Hawthorne também aderiu a esse movimento. Os Transcendentalistas acreditavam na filosofia dos princípios de sensações subjetivas, vindas do interior e da mente do ser humano, respeitavam as intuições, buscavam um estilo de vida crítico e rejeitavam rotinas.

¹ O Dark Romanticism, ou o Romantismo Obscuro é uma das ramificações do Romantismo, porém aborda temas mais sombrios como a dualidade humana, o sobrenatural, a corrupção, o pecado, o duplo e principalmente o poder obscuro da mente, como Botting (1995) afirma.

Em suas obras, Nathaniel Hawthorne retratava a perseguição e processos de mulheres por atos de bruxaria, como seus ancestrais o fizeram, analisando o que a sociedade pensava sobre elas. Tal fato pode ser adicionado à seguinte afirmação: Hawthorne extraía seus temas da dolorosa herança cultural da Nova Inglaterra, uma colônia puritana. Dela exorcizava os demônios, com olhar aguçado para os sofrimentos psicológicos e os dramas morais (ROYOT, 2009. p. 35).

Com o intuito de transportar seus leitores para o século XVII, Hawthorne cria o seu primeiro grande romance, *A Letra Escarlata*, num período em que os puritanos vinham para a América com o objetivo de se livrarem da Igreja da Inglaterra e constituírem a sua própria colônia, a que denominaram de Novo Mundo, pois a América era em parte uma fronteira indefinida e em constante movimento povoada por imigrantes falando línguas estrangeiras e seguindo costumes rudes e estranhos (VANSPANCKEREN, 1994. p. 38).

Com a tentativa de estabelecerem uma sociedade religiosa de acordo com suas normas, para servirem como modelo para a nação, os puritanos eram protestantes devotos, instigados na purificação de sua fé. Eles consideravam todo tipo de prazer *pecado*, priorizavam as atitudes morais com rigidez e valorizavam o trabalho árduo, visto como dignidade humana.

Discutindo sobre pecado, acrescentamos o pensamento de Lawrence (2012), quando afirma que o pecado não existe, e sim a forma com que a sociedade se porta com relação às contravenções morais. No entanto, o pecado seria um estado natural do humano, servindo mais como punição pela própria consciência, não sendo um castigo divino. Como diz Lawrence (2012): “Comporte-se e nunca peque! Seus pecados acabarão por denunciá-lo” (p. 121), nos mostrando que o pecado é algo infligido pela própria pessoa, que através dos nossos atos nos entregamos.

3 O FEMININO NA *LETRA ESCARLATE*

No enredo do romance, em busca de uma vida pacata, Roger Prynne e Hester planejam mudar-se para a puritana Boston, ele decide enviá-la primeiro e devido a um naufrágio, acaba indo parar numa ilha e é mantido em cativeiro por índios pagãos. Alguns anos após esse incidente, e pensando que seu esposo estivesse morto, Hester se envolve com o Reverendo Arthur Dimmesdale, jovem

clérigo adorado pela comunidade, proclamador de sermões admiráveis, puritano fervoroso, que deixa-se envolver pela paixão e se atrai por Hester, ao ponto de conceberem uma filha ilegítima. Após dois anos, finalmente Roger escapa dos índios e chega a Boston, sendo surpreendido ao ver sua esposa exposta num cadafalso (palanque montado em local aberto), onde a presença sendo julgada por toda a sociedade, em pleno meio dia, com um bebê nos braços, a sua filha Pearl.

O capítulo de abertura de *A letra escarlata*, “A porta da prisão”, captura-nos no limiar da narrativa e cria suspense. Também provoca identificação com a pessoa desconhecida que está prestes a emergir por aquela porta e antecipa os conflitos que estão a caminho (BAYM 2010 *apud* HAWTHORNE 2010. p. 298). Hester possuía um vasto conhecimento e argumentava com qualquer um que tentasse impor-lhe regras. Dessa forma, escandalizava a sociedade que a olhava com reprovação. Pois as mulheres puritanas não apenas aceitavam as condições de sujeição às quais eram impostas, mas também buscavam manter a obediência em todos os sentidos, com medo de serem julgadas segundo as regras do Puritanismo.

Hester foi exposta em um cadafalso, ameaçada e condenada pela sociedade puritana a carregar em suas vestes uma letra A em tons escarlates, como marca de seu pecado, o adultério. “No peitoral da túnica, em tecido vermelho fino e adornada por um elaborado bordado e fantásticos floreios em linha dourada, trazia a letra A” (HAWTHORNE, 2010. p. 67). Hawthorne usa o adultério como paradigma para os pecados do coração, porque violava não apenas a relação do matrimônio, como também o acordo social, visto que o casamento é feito sob o olhar do estado.

Roger, ao presenciar o julgamento da sua (ex) esposa, não se identifica como marido dela e a ameaça na prisão para que ela não revele sua identidade, agora que é apresentado à sociedade como um conceituado médico, o Dr. Roger Chillingworth. Roger é retratado por Hawthorne como um personagem odioso e vingativo. Ele, assim como toda a sociedade puritana, pressiona Hester para saber quem é o verdadeiro pai da pequena Pearl, porém, ela se recusa e continua a manter tal segredo. “De natureza impulsiva e apaixonada, Hester sentia-se forte para enfrentar os golpes e venenosas estocadas do público com insolência, suportando todo tipo de insulto” (HAWTHORNE, 2010. p. 71). Embora Hester suportasse o peso implacável de mil olhos sobre ela e o forte castigo que lhe coubera suportar, por vezes ela sentia vontade de gritar e jogar-se de cima daquele cadafalso.

O adultério era um dos muitos pecados estigmatizados pelos puritanos com letras escarlates. Eles não toleravam transgressões às regras impostas, tinham a Bíblia como preceito espiritual e civil. Segundo a escritora Nina Baym (2010):

A letra escarlate não fala em nome de Deus. A questão importante na história não é saber se o adultério é realmente um pecado, mas a maneira como a crença de que é conduz os puritanos a certas ações que, por sua vez, afetam pessoas que mantêm opiniões diferentes sobre o adultério (BAYM, 2010 apud HAWTHORNE 2010. p. 305).

Para os puritanos, Hester cometeu um crime e deveria ser condenada por isso, porém ela permanece resistente na aceitação dessa designação. Ela se destacava por sua obstinação, mãe solteira, que apesar de ser julgada por todos como prostituta, manteve-se equilibrada, mostrando-se indiferente aos inúmeros insultos recebidos, lutando para permanecer com a sua filha, trabalhando arduamente dia após dia com costuras e bordados, para conseguir o sustento de ambas.

A fôça das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Daí podemos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo (CANDIDO, 2011. p. 55-56).

Levando em consideração a afirmação de Candido, diante dos recursos utilizados pelo autor, o mesmo cria no leitor a imagem de uma personagem mais coerente, menos complexa do que o ser humano.

Entretanto, de acordo com Bourdieu (2002), as mulheres representam-se fortes, muitas das vezes, mesmo em meio as suas vulnerabilidades: “[...] a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da vulnerabilidade da honra, sempre expostas à ofensa, as mulheres são também fortes em tudo que representa as armas da fraqueza” (p. 32). Assim, levando em conta o romance, observamos que mesmo em meio à fragilidade que se encontrava, Hester nos mostra ser uma mulher ousada, à frente de sua época. Há nela uma força interior muito grande, usa da obstinação para enfrentar tudo e todos e de suas habilidades para sobreviver sem marido e criar a filha sozinha.

O Reverendo Dimmesdale por vezes satisfaz os desejos da carne, porém logo em seguida o peso na consciência surge, fazendo com que se torture,

buscando manter um controle mental sobre o seu corpo, mas que não obtém resultado positivo. Acerca disso, Lawrence (2012), afirma:

Nós somos seres divididos em nós mesmos, contra nós mesmos, pois quando a consciência do sangue domina, anula a consciência racional. Possuímos essas duas consciências e elas são divergentes dentro de nós. Em todos nós existe uma hostilidade básica entre o físico e o mental, o sangue e o espírito. A mente se “envergonha” do sangue. E o sangue é destruído pela mente, na verdade (LAWRENCE, 2012. p. 124).

Esse dualismo é próprio do ser humano, razão *versus* desejo, consciência lutando incessantemente contra a carne, porém a sensação de amar torna-se viciosa, ao ponto de os perigos não serem relevantes em meio à sensação de prazer instantâneo. Tal luta observamos no Reverendo Dimmesdale, que, mesmo diante da rigidez de sua religião, viu como resultado o desejo carnal ser mais forte que o medo da punição, deixando-se seduzir.

Ademais, com a tentativa de vingar-se do amante de sua mulher, Roger Chillingworth começa a suspeitar dos olhares de Hester e Dimmesdale, aproxima-se da fragilidade da saúde do Reverendo e torna-se o seu cuidador. Aproveitando um dos momentos de sono do clérigo, observa que sua roupa está entre aberta e assim vê que ele tem uma letra A no peito, marcada a ferro quente. Como podemos observar no seguinte trecho:

O médico avançou direto para seu paciente, parando diante dele e levando a mão sobre seu peito, puxando-lhe de lado, em seguida, a roupa que, até aquele dia, interditara até mesmo um exame físico (HAWTHORNE, 2010. p. 155).

A partir de então, Chillingworth alimenta a sua vingança. Hester, no intuito de fugir com Dimmesdale e a filha Pearl, articula com o marinheiro sua partida, porém a fuga fracassa. Passados sete anos, o Reverendo Dimmesdale, não suportando mais tanta angústia, aproveita o feriado na Nova Inglaterra em que haveria a confirmação do mais novo governador e decide confessar o seu pecado. Esse seria o cenário perfeito, em praça pública no mesmo local onde Hester foi exposta e humilhada por todos. Por fim, ele a chama ao cadafalso com Pearl não para declarar (finalmente) seu amor eterno, mas para exibir um emblema simbolizando o seu pecado, como lição para o povo e em busca de salvação para a própria alma (BAYM 2010 *apud*

HAWTHORNE, 2010. p. 306). Diante de todos, após a confissão, o Reverendo morre.

Foi a partir desse suposto peso na consciência que Arthur Dimmesdale decidiu desvendar o seu segredo em público, expondo-se no cadafalso da vergonha, (no qual a sua amante Hester foi exposta por horas), para assim ter uma morte tranquila. “A lei nós infringimos! O pecado, aqui tão terrivelmente revelado! E assim ele morre, jogando o ‘pecado’ na cara dela e fugindo para a morte” (LAWRENCE, 2012. p. 132). Chillingworth, que era movido por vingança, perde toda a força após a morte de Dimmesdale, morre um ano depois e deixa sua herança para Pearl. Hester decide ir embora com a filha, mas com o tempo regressa a Boston e continua a usar a letra escarlate, aquela que se tornara sua marca.

*A Letra Escarlate – um romance*², publicado pela primeira vez em 1850, desde o princípio foi bem recebido pelos leitores e aclamado pelos críticos. Nele, destaca-se a obsessão calvinista por moralidade, repressão sexual, culpa e confissão e salvação espiritual (VANSPANCKEREN, 1994. p. 39).

Conceituado como um clássico da literatura americana, essa é uma obra que aborda temas de amor, confiança, intolerância, pecado, hipocrisia, moralidade, obstinação, soberania da sociedade para com o ser humano e a obrigação do indivíduo para com a sociedade.

Temas recorrentes como segredo, isolamento, intolerância e culpa permanecem ligados ao problema de um mau permanente. As referências históricas são secundárias e até mesmo inexistentes, e o que se considera é o encontro dos destinos, que assume grandeza mítica, entre realismo e fantasia (ROYOT, 2009. p. 36).

É um romance atemporal, em que as questões abordadas ainda permanecem vivas, lei *versus* objeção. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2011. p. 52). De acordo com Vanspanckeren (1994), para a época, *The Scarlet Letter* era um livro audacioso e até subversivo. O estilo suave de Hawthorne,

² Hawthorne denominou “Romance”, um tipo elevado, emocional e simbólico de romance. Os “Romances” não eram histórias de amor, mas obras sérias que usavam técnicas especiais para comunicar significados complexos e sutis, como Vanspanckeren (1994) afirma.

o contexto histórico remoto e a ambiguidade amenizaram seus temas sombrios e satisfizeram o público (VANSPANCKEREN, 1994. p. 39).

Ademais, *A Letra Escarlata* foi escrito num período caracterizado pelo movimento de emancipação feminina, pela liberação da mulher que lutava pelo direito à educação e pelo excesso de controle que seus maridos tinham sobre elas.

Sarah Rodriguez e Hannah Arsdale (2011) abordam *A Letra Escarlata* como um romance norteador e pioneiro das ideias feministas, que apenas se concretizariam posteriormente, embora não o considere essencialmente feminista. As autoras afirmam que na época de Hawthorne a discussão acerca do feminismo ainda não alcançara tanta projeção quanto nos anos 1960.

As autoras afirmam que Hester Prynne é um exemplo perfeito do que uma feminista deveria ser. Rodriguez e Arsdale (2011), acrescentam que:

A Letra Escarlata é um romance “acidentalmente” feminista devido ao modo que Hester se posiciona contra as duras críticas dos Puritanos, e por causa do fato das ideias do empoderamento das mulheres de Hawthorne a frente do seu tempo (p. 1).

As autoras discutem também que o feminismo sempre existiu desde o começo dos tempos, embora o mesmo só tenha começado a ser colocado em ação no fim do século XIX, ganhando ainda maiores repercussões durante o século XX. De acordo com as autoras: “Este movimento foi caracterizado como a primeira onda e focava no ganho de maiores direitos políticos das mulheres. Por exemplo, as mulheres queriam mais igualdade no casamento, propriedade e direitos sufragistas” (p. 1).

A maior discussão e mesmo o maior questionamento levantado no artigo *Feminism & The Scarlet Letter* de Rodriguez e Arsdale (2011) são como essas ideias revolucionárias acerca da emancipação do papel social da mulher, no tempo de Hawthorne influenciaram a escrita e conseqüentemente a personagem de Hester Prynne. Para as autoras, há também uma provável não-intencionalidade de Hawthorne ter caracterizado Hester como uma mulher à frente de seu tempo e mesmo com um pensamento radical, se considerarmos a época que o romance se passa, no século XVII.

No romance, Hester Prynne transgride regras impostas pela sociedade puritana, que ditava como as mulheres deveriam viver. A tendência do seu destino e

felicidade tinha permitido sua liberdade (HAWTHORNE, 2010. p. 137), uma vez que a mesma diferenciava-se e não tinha que se submeter às mesmas regras que as mulheres Puritanas. Assim, Hester tinha obtido um passaporte para as regiões onde outras mulheres não ousavam pisar (idem, p. 137): a letra escarlate pregada em seu peito é símbolo do pecado de adultério que uma vez cometera, porém a diferença de todas as outras mulheres da comunidade puritana da Nova Inglaterra.

Quando a protagonista passa então a viver na floresta e longe da comunidade de Salem, e decide tirar a letra escarlate do seu peito, ela torna-se radiante e com sorriso tenro, que parecia jorrar do coração de uma mulher (HAWTHORNE, 2010. p.139).

Ademais, no decorrer do romance, Hester, sem a letra escarlate no peito, está aberta a viver a liberdade que lhe foi forçadamente imposta por tanto tempo; o pecado não mais a define.

Além disso, na floresta, o céu mostra a Hester e Dimmesdale que eles são iguais. Ela traz Dimmesdale e eles estão lá, julgados por Deus; dois amantes que cometeram pecado, mas duas almas que são as mesmas. Mesmo no final, depois que todos os personagens, exceto Pearl já morreram, “uma lápide serviu para ambos” (p. 180). Isto simboliza que eles eram iguais e que o seu pecado poderia falar para ambos. Em certo sentido, Hawthorne nos deu uma amostra da igualdade de gênero, mesmo antes disso se tornar um gosto tentador no gosto feminino (RODRIGUEZ e ARSDALE, 2011. p. 2).

As autoras ainda afirmam que:

O feminismo se esforça para igualdade, e isso é exatamente o que Hawthorne nos dá; ou, dá Hester e Dimmesdale pelo menos. Além disso, Hawthorne traz a ideia de que uma vez que você alcançar a felicidade e amor por si mesmo, então você pode ser igual [...] (RODRIGUEZ e ARSDALE, 2011. p. 2).

Quando Hester arranca a presilha que mantinha fixa a letra escarlate em seu peito, bem como retira a touca solene que lhe aprisionava os cabelos, ela transcende de alegria. Livre do estigma, Hester soltou um longo e profundo suspiro, libertando de seu espírito o fardo da vergonha e da angústia. “Ah, que primoroso alívio! Ela não sabia daquele peso até sentir tamanha liberdade!” (HAWTHORNE, 2010. p. 225). Naquele momento, surge a brilho do sol, alegrando a floresta obscura, tornando objetos que eram sombra em luz, transformando-se num mistério divino.

Rodriguez e Arsdale (2011) declaram que,

Este romance poderia facilmente ser considerado um romance feminista porque representa as principais ideias que trouxeram o feminismo para a sociedade: a igualdade de gênero e amor para as auto como uma mulher. Hawthorne retrata Hester como uma mulher livre nas páginas finais deste livro, e também faz dela e Dimmesdale iguais por tê-los compartilhar o mesmo marcador em suas lápides. A Letra Escarlata personifica o espírito das mulheres, enquanto também é um marcador para o feminismo inicial, uma vez que essas ideias radicais não eram algo ainda que houvesse sido trazido à luz [à época] (p. 2-3).

A atitude obstinada de Hester não era típica das mulheres puritanas, ela pode ter sido reflexo de mudanças acontecidas na época do autor. Muitos acreditam que a narrativa não era refletida na Nova Inglaterra, mas sim ao próprio Hawthorne, homem com alma de pagão num corpo puritano, como então afirma Thomas (2006):

Há um pouco do autor em todas as personagens do livro: na severidade dos juizes que puniram Hester pelo seu pecado com Artur Damesdale; na implacabilidade de Roger Chillingworth que se arvorou em consciência vingadora do jovem ministro; na irresolução de Dimmesdale que ocultava um coração ardente sob as cinzas de um código convencional; e na coragem de Hester Prynne que usava o símbolo de sua dor com uma consagração sobre a roupagem do seu amor (THOMAS, 2006. p. 236).

Hawthorne idealizava personagens que se entrelaçavam à sua existência. A demissão da alfândega de Salem por motivos políticos, a rejeição da sociedade americana que ignorou muitas vezes os seus escritos, ocasionam um sentimento de tristeza e fracasso no autor, que a partir da recusa, dedica-se à literatura e logo escreve *A Letra Escarlata*, que ficou reconhecido por muitos críticos como um clássico. Escrevendo esta ficção que está intrinsecamente ligada à sua experiência de vida, sem exibir muitos traços de uma autobiografia convencional (BAYM 2010 *apud* HAWTHORNE 2010. p. 297), Hawthorne cria uma narrativa de vingança, punições, rejeição e força, fazendo reflexo à sua própria vida.

A Letra Escarlata foi um símbolo da esfera social a qual Hester Prynne pertencia. Marcas recorrentes como o pecado, a vulnerabilidade da mulher, a soberania da sociedade, transformaram-na em um símbolo de amor, através da concepção de Pearl, que mesmo sendo um fruto do pecado, aos olhares puritanos, torna-se uma preciosidade. Para Hester, a pequena filha representava purificação e

abdicação. De acordo com Royot (2009), Hawthorne filia-se ao espírito do romantismo ao fazer ressurgir a “verdade do coração” e a “energia interior” de personagens em luta contra a alienação que os submete a um poder sombrio (ROYOT, 2009. p. 36).

A protagonista do romance, Hester Prynne é considerada a primeira heroína americana. Alguns críticos acreditam que a feminista Margaret Fuller serviu de modelo para Hester (BAYM, 2010 *apud* HAWTHORNE 2010. p. 317). Hester é uma mulher obstinada que possui controle e percepção sobre si, independente e destemida, que luta contra a comunidade que tenta condená-la. O significado bíblico de seu nome, Esther ou Hester³ tem a definição de “estrela” (origem babilônica *Ishtar* ou persa *stareh*). Assim, Ester⁴ reflete o simbolismo celeste inerente a esse astro: luz, perfeição, esperança, divino. À medida que *Ishtar* é a deusa da beleza e do amor - tal como Afrodite, na mitologia grega - Ester carrega consigo, ainda, as características dessas mesmas deusas.

4 A LETRA ESCARLATE NO CINEMA – DISCUTINDO A ADAPTAÇÃO HOLLYWOODIANA DE JOFFÉ (1995)

O romance mais aclamado de Hawthorne tem se tornado uma espécie de símbolo cultural do imaginário americano. Desde a época em que foi lançada, em 1850, a obra tem servido de base para outros meios artísticos que se propagaram a partir do período tardio do século XIX. Ainda em 1896, o romance foi adaptado para a ópera *The Scarlet Letter*, produzida por Walter Damrosch e George Parsons Lathrop. O trabalho, dividido em três atos, é a primeira adaptação artística que se tem notícia a partir do trabalho do grande romance hawthorniano. Posteriormente, com o advento do cinema, em 1908, surge a primeira adaptação cinematográfica baseada no romance.

Em consulta ao IMDB⁵, encontramos a seguinte relação de filmes, adaptados a partir do romance:

³ Quem foi Ester na Bíblia? Disponível em <http://www.abiblia.org/ver.php?id=6985>. Acesso em 10 de Janeiro de 2016.

⁴ Dicionário de Nomes Próprios. Disponível em <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ester/>. Acesso em 10 de Janeiro de 2016.

⁵ IMDB – Movies, TV and Celebrities. Disponível em <http://www.imdb.com>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Curtas-Metragens (9 filmes):

- The Scarlet Letter (1908), directed by Sidney Olcott;
- *The Scarlet Letter* (1910), sem informações sobre o filme;
- *The Scarlet Letter* (1911), co-directed by George Loane Tucker, adapted by Herbert Brenon;
- *The Scarlet Letter* (1913), estrelando Linda Arvidson e Murdock MacQuarrie;
- *The Scarlet Letter* (1920) sem informações sobre o filme;
- *The Scarlet Letter* (1922), adapted by Frank Miller;
- *My Scarlet Letter* (2004), sem informações sobre o filme;
- *The Scarlet Letters* (2007), dirigido por Kevin R. Hershberger;
- *The Scarlet Letter* (2013), dirigido por Anastasia Koutsouradi.

Longas-Metragens (7 filmes):

- *The Scarlet Letter* (1917) dirigido por Carl Harbaugh;
- *The Scarlet Letter* (1917), estrelando Werner Krauss;
- *The Scarlet Letter* (1926), dirigido por Victor Sjöström e adaptado por Frances Marion;
- *The Scarlet Letter* (1934), dirigido por Robert G. Vignola;
- *The Scarlet Letter* (1973), filme de Wim Wenders;
- *The Scarlet Letter* (1995), dirigido por Roland Joffé;
- *The Scarlet Letter* (2015), dirigido por Elizabeth Berry.

Além de todas essas adaptações fílmicas que citamos acima, há referências e alusões à letra escarlate, símbolo principal do romance, nas canções e vídeos-clipes:

- 1957: Em "The Sadder-But-Wiser Girl for Me" de The Music Man, quando Harold Hill cant "I hope and I pray for Hester to win just one more 'A'";
- 1987: A Scarlet Letter, álbum de Curtiss A que leva o título do romance;
- 1991: No vídeo clipe "Smells Like Teen Spirit", do Nirvana, as cheerleaders têm a letra 'A' costuradas em seus uniformes;

- 1993: Courtney Love e sua banda Hole cantam: "No one knows she's Hester Prynne"; na versão reescrita de "Old Age", do Nirvana;
- 2001: a canção de Jag Panzer, "The Scarlet Letter";
- 2003: a canção da banda The Distillers, intitulada "Die on a Rope";
- 2004: outra canção, da banda Halifax, chamada "Scarlet Letter Part 2";
- 2006: mais outra canção da banda As Blood Runs Black cujo título é "Hester Prynne", assim como outra, de 2007, com o mesmo título, da banda Deathcore;
- 2008: a canção do Mudvayne, "Scarlet Letters";
- 2010: a canção "The Scarlet Letter SparkTune" da banda Abdominal;
- 2013: Childish Gambino song "Earth the Oldest Computer" (The A on my chest like adultery).

Há várias referências e mesmo citações do romance na cultura popular, como em um episódio dos Simpsons ("Treehouse of Horror VIII") quando Ms. Krabappel aparece com uma letra A vermelha no peito; em 2000; o episódio "Caged" da série *Popular*, que adapta elementos do romance (I temporada, Episódio 14). Em 2004, há também uma citação do romance na série *One Tree Hill*, no episódio "Don't Take Me For Granted" e em 2010, no 2º episódio da segunda temporada do seriado *O Mentalista*, cujo título é *The Scarlet Letter*, que fala sobre um caso de adultério. Além de outras dezenas de filmes para a televisão, outras óperas, peças teatrais e mesmo outros livros que referenciam o aclamado romance de Hawthorne na cultura popular⁶.

Porém, nosso foco aqui jaz nas adaptações fílmicas. Dentre essas, a mais aclamada pela crítica especializada é a alemã de 1973, que apresenta em seu roteiro uma história bem próxima do romance do Hawthorne. Entretanto, a versão que se tornou mais popular até hoje foi a hollywoodiana de 1995, com interpretação da atriz Demi Moore como Hester Prynne e dirigida por Roland Joffé. É exatamente essa versão que iremos comparar com o romance de Hawthorne, focando inicialmente nas divergências e convergências gerais entre o filme e romance e, posteriormente, na representação da personagem Hester Prynne. Para tal,

⁶ A Letra Escarlata na cultura popular. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/The_Scarlet_Letter_in_popular_culture. Acesso em 30 de Março de 2016.

discutiremos o diálogo que se mantém em ambas as narrativas, literária e fílmica, não enaltecendo ou menosprezando cada arte, mas sobretudo destacando como cada uma retrata seus símbolos semióticos à sua maneira.

O diálogo se mantém por vezes entre um texto e outro, sendo ele oral, escrito ou visual; pode se materializar também por intermédio de uma ocorrência chamada de intertextualidade. Esse princípio da textualidade se apresenta de duas maneiras: explícita e implícita.

Quando denominamos um texto de *adaptação*, ela passa a ser um discurso “novo”, “baseado” ou “influenciado” por outro, originado de outro texto-base, pois ele recria um discurso anterior; porém, em outro meio icônico, através do processo de tradução intersemiótica⁷, que apresenta uma das inúmeras possibilidades de discutir as relações dialógicas entre diferentes, uma vez que o caráter tátil-sensorial, inclusivo e abrangente, das formas eletrônicas permite dialogar em ritmo “intervisual”, “intertextual” e “intersensorial” com os vários códigos da informação (PLAZA, 2008. p. 13).

Assim, sabemos que a literatura utiliza-se em sua maioria da linguagem verbal e para construir sentido recorre às mais diversas categorias, como personagens, ambientação, ponto de vista, tom, diálogos, símbolos, ironias, metáforas e outras figuras de linguagem. O cinema, por outro lado, lida com a imagem, o som e o diálogo, falado ou escrito, iluminação, ângulos das câmeras e outros para se definir como arte autônoma. Dessa forma, afirmamos que, assim como qualquer outra arte, numa *escolha* e numa *ordenação*, o cinema dispõe de uma prodigiosa possibilidade de densificação do real que é, sem dúvida, a sua força específica e o segredo do fascínio que nos exerce (MARTIN, 2005. p. 31).

Ademais, as palavras de Stam (1992) corroboram com a nossa discussão:

A arte não é um simples servo, um simples transmissor de outras ideologias; em vez disso, tem seus próprios processos independentes e seu papel ideológico. Na arte, a vida social é expressa no interior de um material semiótico definido e na linguagem específica de um meio (p. 24).

⁷ A Tradução intersemiótica ou “trasmutação” foi definida por Jakobson como o tipo de tradução que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”, ou “de um sistema de signos para outro [...]” (PLAZA, 2008).

Assim, os elementos semióticos, conectados com a linguagem do cinema, são os responsáveis por guiar o espectador na compreensão do que ele está vendo. Ao passo que através da literatura nós interpretamos uma mensagem através das palavras, no cinema, nós vemos e ouvimos, o que pode tornar a compreensão mais fácil ou não, a partir da intenção de cada cineasta.

Discutindo Stam (1992), afirmamos mais uma vez que cada arte é representada por sua linguagem distinta e é através dessas especificidades que cada uma estabelece sua estética original. Mas, apesar de cada discurso artístico se apresentar como discurso singular e individual, as possibilidades de discutir os mais diversos *diálogos* provenientes da teoria linguística nos ajudam a refletir acerca da adaptação fílmica a partir da literatura e de noções de fidelidade e dependência de um discurso comparado ao outro.

Stam (2006) adiciona que a partir do conceito de dialogismo de Bakhtin e da definição de intertextualidade de Genette, torna-se possível pensar em adaptação em termos de uma prática intertextual (p.19):

Embora seja fácil imaginar um grande número de expressões positivas para as adaptações, a retórica padrão comumente lança mão de um discurso elegíaco de perda, lamentando o que foi “perdido” na transição do romance ao filme, ao mesmo tempo em que ignora o que foi “ganhado” (STAM, 2006. p.20).

Nesse contexto, Linda Hutcheon (2013) afirma que a adaptação pode também ser descrita nos seguintes moldes:

Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis;
Um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação;
Um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada (p. 30).

Dessa forma, a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária (HUTCHEON, 2013. p. 30). Considerando a adaptação fílmica a partir desses três eixos, afirmamos que a mesma acarretará mudanças de conteúdo, sentido e forma durante o processo de transposição.

Ademais, segundo Cunha:

A relação entre literatura e cinema não se esgota. As leituras críticas expandem a capacidade intertextual das duas linguagens, que não perdem a originalidade. Se o diálogo existe, resiste e persiste, desde

o aparecimento do cinema, é porque ambas se beneficiam de suas ilusões, que nada mais são do que novas formas de se expressar (CUNHA, 2007. p. 63).

Embora a base do romance de Hawthorne seja o fanatismo religioso desordenado e o conflito entre almas de Hester e Dimmesdale, Roland Joffé cria uma nova versão da história, com inúmeras divergências. Para Cunha (2007) essas modificações acontecem por causa da existência de coisas absolutamente impossíveis de se traduzir, ainda mais quando o que está em jogo é a relação entre signos verbais (p. 11). Na transposição para as telas, observamos a candura da protagonista, pois a narrativa nos mostra que o envolvimento de Hester com o jovem pastor só é concebido após ela se certificar da suposta morte de seu marido. Dentre essas divergências, o final da história é o ponto que mais diverge da obra de Hawthorne.

Ao compararmos o romance *A Letra Escarlata* com a adaptação fílmica de 1995, observamos inicialmente que a narrativa literária descreve a protagonista minuciosamente, uma mulher bela, alta, elegante e muito bem vestida, como podemos ver:

A jovem era alta, uma figura de perfeita elegância em todos os sentidos. Tinha cabelo escuro e abundante, tão lustroso que brilhava à luz do sol, e um rosto que, além de bonito pela regularidade dos traços e pela riqueza da composição, causava aquela impressão própria a sobancelhas bem marcadas e olhos negros profundos. Era bem feminina, para os padrões da época; caracterizava-se por certa postura e dignidade, mais do que pela delicada, evanescente e indescritível graça que anunciariam, hoje, aquela condição (HAWTHORNE, 2010. p.67).

Podemos observar, em uma das cenas em que Hester se banha pensando em Dimmesdale, que é notória a sua beleza e sensualidade; por baixo das longas vestes rendadas, a protagonista é refletida por uma figura feminina perfeita, como acima bem descreve Hawthorne:



Imagem 1: A sensualidade de Hester

Hester, a partir do momento que conhece Dimmesdale, não o esquece. Ao banhar-se e tocar em seu corpo, recorda os momentos até ali vividos com o Reverendo. A recíproca é verdadeira, Dimmesdale também já não consegue parar de pensar na bela mulher por quem já estava apaixonado.

Na adaptação fílmica, a beleza de Hester é nítida, bem como a caracterização da personagem mediante sua sensualidade e feminilidade, por meio de suas vestes rendadas que chamavam atenção da comunidade puritana:



Imagem 2: As vestimentas rendadas de Hester

Na transposição do romance para o cinema, existem inúmeras peculiaridades, nos apresentando através dos signos não verbais as vestimentas de Hester, cobertas por rendas, atitude exagerada, que para os puritanos era marca de vaidade e libertinagem. Na imagem acima, Hester estava atenta com seus escritos, até ouvir barulhos fora de sua casa, com receio, pega a arma e abre a porta para ver quem é, nesse instante se depara com o (ex) marido, Roger Prynne, por quem é surpreendida e a partir daí manipulada pelo desejo de vingança de Roger.

Na produção cinematográfica, a ordem dos fatos e das circunstâncias em que os mesmos acontecem divergem do romance, tornando o enredo dinâmico e arrojado. Ainda, na adaptação fílmica de Joffé (1995), observamos que há divergências entre as obras quando Hester enfrenta os magistrados e nega-se a pôr fim nas reuniões que realiza em sua casa, mesmo sob denúncias contra ela pelo fato de nas conversas as mulheres falarem sobre heresias e fornicção. No entanto, essa foi mais uma construção de Joffé (1995):



Imagem 3: Obstinação de Hester ao enfrentar os Magistrados

Sobre os líderes puritanos, Nina Baym (2010) afirma:

Enquanto esses homens defendem o bem-estar do Estado e exigem a submissão do indivíduo a um controle total, Hester insiste no bem-estar da pessoa, privado, e na liberdade do mundo interior. Ela acredita, mais do que isso, que certos atos considerados pecaminosos pelos puritanos são, na verdade, bons atos. (*apud* HAWTHORNE, 2010. p. 309-310).

Podemos dizer que um dos conflitos mais intensos na obra literária ocorre entre Hester e os líderes puritanos, a respeito do que significa a letra escarlate.

No romance e na adaptação fílmica, há convergências na cena em que Hester é exposta no cadafalso e julgada pela comunidade com a filha nos braços, principalmente quando a obrigam a usar a letra A em suas vestes, como marca do adultério. A infeliz condenada mantinha-se no limite da contenção possível a qualquer mulher que se encontrasse sob o peso implacável de mil olhos, todos pregados nela e fixos ao que trazia no peito. Algo quase intolerável a ser suportado (HAWTHORNE, 2010. p 71):



Imagem 4: Hester no cadafalso é obrigada a usar a letra “A” como marca do adultério

Hester, no momento da exposição com a filha nos braços, encontrava-se em total submissão por milhares de olhares que a cercava. Com uma desconstrução derridariana, Spivak considera errôneo usar o termo subalterno ao sujeito marginalizado. Para ela, refere-se a subalterno: “As camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no extrato social dominante” (SPIVAK, 1985. p.12). A crítica de Spivak concede ao sujeito a possibilidade falar, de ter autonomia, capacidades, fazendo com que o mesmo possa ser ouvido e o poder de opressão por parte dos intelectuais que meramente falam pelos outros seja desconstruído.

Outra divergência na produção cinematográfica de Joffé se dá na cena em que Hester é salva da forca junto com outras mulheres que também eram acusadas por bruxarias:



Imagem 5: Hester é salva da forca quando seria morta por suspeita de bruxaria

Na cena acima, Dimmesdale decide confessar para a multidão que é o verdadeiro pai de Pearl, e coloca-se no lugar de Hester, para ser enforcado; porém, na hora em que um dos magistrados iria matá-lo, surge um conflito entre puritanos e índios, fazendo com que o jovem clérigo e Hester se livrem da forca. Observamos que esta guerra também não ocorre no romance.

A partir da comparação das obras, literária e fílmica, é possível observar que Dimmesdale é definido na narrativa de Hawthorne como uma pessoa covarde, sem atitudes, que mascara a candura de um bom pastor, na hipocrisia do medo de revelar seu pecado, pela posição que lhe coubera, escondendo-se por trás da força de Hester, que estava disposta a encarar tudo e todos para manter segredo sobre a verdadeira identidade do pai de sua filha.



Imagem 6: Após a prisão de Hester, Dimmesdale decide entregar-se ao Governador Bellingham e ela se opõe

Na versão cinematográfica, o personagem sofre alterações significativas, mostrando ser um homem mais decidido e disposto a enfrentar os magistrados e as punições para defender Hester e, enfim, terem a liberdade de viverem o amor que sentiam um pelo outro.

Ainda, podemos observar que na adaptação para o cinema, há ações que não se encontram na narrativa de Hawthorne, a exemplo do julgamento da senhora Harriet Hibbons, quando Chillingworth aproveita a oportunidade para expor a marca escarlate com que Pearl nascera, afirmando ser concepção de bruxaria, sendo aquela a marca do demônio.



Imagem 7: Marca escarlate no corpo de Pearl

Diante dos magistrados e comunidade, Chillingworth ergue Pearl nos braços e afirma que a menina foi concebida através de bruxaria, fazendo com que Hester, a senhora Hibbons e todas as mulheres que se reuniam na casa dela, sejam perseguidas para posteriormente irem para a forca por consequência de feitiçaria. A forca era um dos castigos mais comuns impostos pelos puritanos.

Observamos também o símbolo escarlata na figura de um pássaro que aparece para Hester na floresta e a leva em direção a Dimmesdale no momento em que ele se banha no lago.



Imagem 8: Pássaro vermelho que conduz Hester ao primeiro encontro com Dimmesdale.

Assim como os outros símbolos, o pássaro também possui a cor escarlata, e a conduz para a floresta misteriosamente. O vermelho presente na coloração do pássaro é símbolo do amor, da paixão e do desejo que estavam prestes a surgir nos dois. Esse fio condutor foi crucial para o momento em que Hester contempla Dimmesdale pela primeira vez.

Reaparecendo novamente à escrava Mituba, fiel companheira de Hester, o pássaro surge quando a senhora Prynne e o Reverendo concebem o ato de amor. Observando atentamente Mituba tomar banho, o pássaro naquele instante distrai a escrava para que nada possa interferir a concepção de amor que ali acontece entre Hester e Dimmesdale. Podemos destacar que essa foi mais uma alteração feita por Joffé, bem como a cena em que Hester desperta desejo em Brewster, um dos líderes puritanos, que tenta violentá-la sexualmente.



Figura 9: Hester é surpreendida por Brewster

Hester, a partir do momento em que chega a Boston desperta o desejo em um dos puritanos. Destacamos a imagem acima da cena em que numa noite, onde estava apenas com a filha Pearl, ela é surpreendida por Brewster, que a agride e tenta violentá-la sexualmente, porém com sua força e coragem Hester defende-se, usando uma vela que atinge os olhos do agressor, logo o expulsa, ameaçando-o com uma espingarda. Ela era destemida e enfrentava qualquer um que ousasse ir contra suas vontades.

O final da produção cinematográfica nos mostra o ponto de maior divergência criado por Joffé: um final feliz para a família constituída por Hester, Dimmesdale e Pearl. Outro momento em que a adaptação fílmica se distancia da obra de Hawthorne, é quando a letra A é simplesmente jogada fora por Pearl e pisada pela roda da carroça no momento em que pais e filha saem de Boston.

Estas modificações feitas pelo diretor Roland Joffé, nos servem de base para chamar atenção sobre os direitos que o ser humano tem, independente de religião ou leis impostas. Ainda, podemos relacionar a afirmação de Stam (2006) com as mudanças estéticas feitas pelo diretor: as adaptações cinematográficas frequentemente “corrigem” ou “melhoram” o texto original, de formas muito diferentes e até contraditórias (STAM, 2006. p.44), pois muitas adaptações televisivas ou das tendências dominantes de Hollywood fazem o que pode ser chamado de uma adequação estética às tendências dominantes (*idem*, p.45).



Figura 10: Final Feliz (Hester, Dimmesdale e Pearl)

Ao produzir um final feliz, divergente do romance, Joffé nos mostra como as pessoas podem livrar-se da severidade religiosa, pois quem tem o direito de julgar ou dizer que o outro merece castigo? O diretor cria um protótipo para expor a obstinação e a reação de pessoas que se veem forçadas a acreditar que serão condenadas por consequência de seus pecados, apenas por seguirem o coração. A partir de então, percebemos que, tanto na narrativa de Hawthorne, quanto no filme de Joffé, Hester permanece sendo uma mulher forte, que embora sofra humilhação e vergonha, luta pelo direito de mãe e permanece ao lado de sua filha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a partir das análises feitas, percebemos que Hawthorne, na sua produção literária *A Letra Escarlata*, nos proporciona enxergar acontecimentos do século XVII, bem como evidencia aspectos desse período, seja nos diálogos, nos personagens ou nas práticas de um povo.

Através da adaptação feita por Joffé (1995), a narrativa de Hawthorne passa a ser um discurso novo, por meio de uma tradução intersemiótica. Constatamos uma leitura que se aproxima dos aspectos transportados do romance, porém com algumas divergências refletidas em acréscimos feitos pelo diretor, isso porque elementos recriados através de imagens podem ser interpretados de maneiras diferentes.

Percebemos que a intertextualidade oportuniza um universo amplo ao leitor, tornando a capacidade de compreensão de obras que são homônimas, embora tenham situações, diálogos e finais distintos, sejam atraentes aos expectadores. Verificamos também os inúmeros meios artísticos os quais *A Letra Escarlate* serviu como base, que embora haja interpretações divergentes, cada criação estabelece sua originalidade.

Além disso, a narrativa nos leva a enxergar até que ponto as pessoas são capazes de julgar e condenar em nome de Deus, cometerem terríveis atos, onde a lei severa está acima dos valores humanos. O romance também promove uma reflexão sobre a luta da razão e do coração.

Através da postura de Hester Prynne na narrativa, observamos que embora o feminismo só tenha sido posto em prática a partir do final do século XIX, este foi um romance norteador para as ideias feministas, levando em conta a igualdade de gênero com a simbologia da lápide que Hester e Dimmesdale compartilharam, nos mostrando que ao alcançarmos o amor próprio, podemos ser igual ao outro.

Portanto, a obstinação e a subalternidade de Hester Prynne, presentes no romance de Hawthorne e na adaptação fílmica de Joffé, nos mostra que a personagem feminina, embora condenada e frágil, manteve-se resistente e foi agente da mudança social daquela época.

REFERÊNCIAS

AMERICANLITERATURELOVERS. **Principais Autores-Transcendentalismo.** Disponível em <https://americanliteraturelovers.wordpress.com/2012/11/14/principais-autores-transcendentalismo/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

BOTTING, Fred. **Gothic** – (The New Critical Idiom) p. cm. Simultaneously published in the USA and Canada by Routledge. First published 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, A. **A personagem de ficção.** 12. ed. São Paulo, Perspectiva, 2011.

CUNHA, R. **Cinematizações: ideias sobre literatura e cinema.** Brasília, Círculo de Brasília, 2007.

CZEKSTER, G. M. D. H. Lawrence, um homem sem medo. Disponível em <http://www.revistaamalgama.com.br/06/2012/estudos-sobre-a-literatura-classica-americana-d-h-lawrence/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

FILME. A letra escarlate. Dir. Roland Joffé. 135 min, Legenda: Português. Baseado na obra de Nathaniel Hawthorne. EUA, Pictures Home Video, 1995.

HAWTHORNE, N. **A Letra Escarlate**. Tradução de Christian Schwartz. – São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

_____, Nathaniel. **A Letra Escarlate**: Documentário. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=by4hw6je5xw>. Acesso em 03 de Fevereiro de 2016.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. Ed. – Florianópolis, ed. UFSC, 2013.

LAWRENCE, D. H. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Trad. De Heloisa Jahn. Zahar, 2012.

MARTIN, M. **A linguagem Cinematográfica**. Trad. Lauro António e Maria Eduarda Colares. Lisboa, Portugal, Dinalivro, 2005.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo, Perspectiva, 2008.

RODRIGUEZ, S.; ARSDALE, V. H. **Feminism & The Scarlet Letter**. Disponível em <https://sites.google.com/a/hightechhigh.org/hannah-s-humanities-dp/final-drafts/feminism-the-scarlet-letter>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2016.

ROYOT, D. **A Literatura Americana**. Revisão técnica Marcos César de Paula Soares; tradução Maria Helena Vieira de Araújo. São Paulo, Ática, 2009.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

STAM, R. **Teoria e Prática da Adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. *In*: Ilha do Desterro, Florianópolis, nº51, p. 019-053, jul./dez. 2006.

_____. Bakhtin: **Da teoria literária à cultura de massa**. Tradução: Heloísa Jahn. São Paulo, Editora Ática, 1992.

THOMAS, H. **Um romance de pecado e sofrimento**. *In*: HAWTHORNE, Nathaniel. A Letra Escarlate. São Paulo, Martin Claret, 2006.

VANSPANCKEREN, K. **Literatura Americana**. Trad. de Márcia Biato. Revisado por Vera Galante. EUA, 1994.